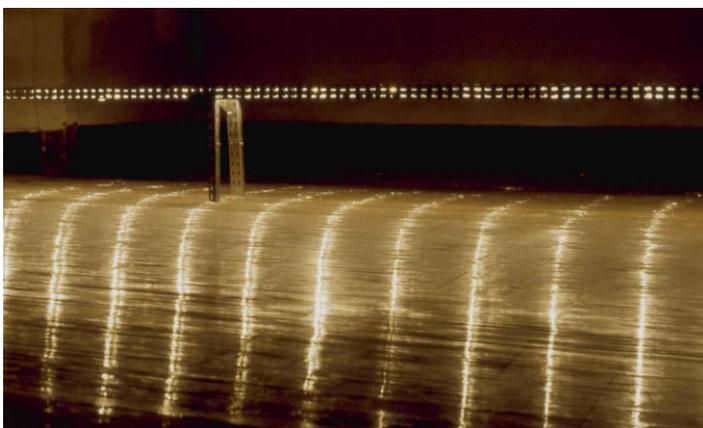


## Génesis – a partir das obras da Coleção António Cachola



Nuno Silva  
*Ponte (distorção # 4)*  
2000

**Génesis** pretende evidenciar as questões da criação humana/criação artística a partir dos elementos primordiais da origem do mundo/homem (terra, água, fogo, ar). Diferentes manifestações artísticas (escultura, pintura, fotografia, vídeo e instalação) abordam direta ou indiretamente a presença dos quatro elementos e são testemunho de como o homem tem o poder de (re)interpretar o mundo e de se (re)interpretar a si próprio. É desta (re)interpretação que nasce a criação artística.

### PISO 1

O percurso expositivo inicia-se com duas esculturas, em terracota, de **Manuel Rosa** (*Sem título*, 1998). O escultor trabalha a figuração numa linguagem própria, através de contornos ou formas. No caso das esculturas, a matéria-prima utilizada e a forma que aparentam (corpos humanos) funcionam, na exposição, como o mote para uma incursão no mundo da criação artística.

Nas galerias de exposição do Piso 1, as obras seleccionadas refletem a capacidade humana de controlar, modificar e recriar ambientes através da mecânica, da arquitetura, do uso da luz e do tratamento da cor.

Na **rampa** de acesso à Galeria 1 encontra-se a instalação (*Picture This*, 1999) da artista **Susana Guardado**, na qual se encontram presentes dois dos quatro elementos: a água e o ar. Na **Galeria 1**, a pintura de **José Loureiro** (*Sem título*, 1997) estabelece uma ligação pictórica com a instalação (*Mesa*, 2005) da artista **Susana Anágua**, uma mesa com esferas em movimento. Esta instalação resulta de uma (re)adaptação, *in situ*, da obra criada pela artista em 2005. O dispositivo foi agora colocado numa mesa típica alentejana, integrando-a no contexto espacial da exposição. As quatro pinturas de **Jorge Rodrigues** (*Sem título*, 2006) representam paisagens abstratas assentes num jogo de tonalidades que variam em função da distância com que são olhadas. Por sua vez, as três fotografias de **Márcio Vilela** (da série *Night Shot*, 2009) são resultado de uma reflexão sobre a paisagem modificada pelo homem. O artista fotografa objetos, abandonados ou em transição no território (matérias-primas – pedra, rede, paus...),

## Génesis – a partir das obras da Coleção António Cachola

objetos comuns e vulgares que, transformados pela luz, se tornam dignos de contemplação. Na sala anexa, encontra-se uma obra de **Gil Heitor Cortesão** (*Atrás do Vulcão #6*, 2009), um jogo de pintura entre o vidro e o reverso deste. Observa-se o interior de uma sala, encontram-se citações pictóricas que remetem principalmente para o século XVIII e para o conceito de *sublime* que surgiu nessa época, contrapostas a elementos característicos dos anos 50/60 do século XX (mobiliário, tapetes, objetos ornamentais, plantas de interior).

Passando à **Galeria 2**, encontram-se a obra de **Fernanda Fragateiro** (*Expectativa de uma paisagem de acontecimentos III*, 2007), e o vídeo do artista **Nuno Cera** (*Unité d'Habitation*, 2006). Relativamente à primeira, o título da obra refere-se às possibilidades de mudança da mesma: toda articulável, a escultura possibilita ao espectador diferentes paisagens. Por sua vez, o vídeo do Nuno Cera apresenta-nos a *Unité d'Habitation* de Berlim, que foi concluída em 1958, segundo os planos do arquiteto Le Corbusier para o edifício residencial. Está localizada em Charlottenburg e é composta por 558 apartamentos, divididos da seguinte forma: 212 de uma assoalhada, 253 de duas assoalhadas em duplex, 88 de três assoalhadas em duplex, quatro de quatro assoalhadas e um de cinco assoalhadas, igualmente em duplex. Os apartamentos são atravessados por ruas interiores, com 2,96 metros de largura e 140 metros de comprimento. Os diversos andares são servidos por dois elevadores e por um montacargas. Os projetos do referido artista centram-se na matéria que compõe as cidades: os edifícios que as habitam, o frenesim solitário dos seus residentes, e muito concretamente a degradação da vida urbana.

Na **escadaria** de inspiração barroca encontram-se duas obras de **Bruno Pacheco**: o vídeo (*Self-portrait smoking a cigar without the aid of the hands*, 2002), que nos remete para o autorretrato e para a dificuldade de fumar um charuto sem o tirar da boca, e a pintura (*Happy Hour*, 2005), que retrata um grupo de palhaços. Esta última é expressão do trabalho que Bruno Pacheco tem vindo a desenvolver, recorrendo à fotografia como ponto de partida e servindo-se desta apenas como modelo, não pretendendo uma representação fiel. A imagem perde o seu referente fotográfico, devido a um processo de alteração das suas características formais (enquadramento, luz, cor, etc.). O modo como os palhaços estão representados nesta pintura evidencia uma consciente e coletiva vontade de fixar a memória de um evento, que fica suspenso no tempo. Em ambos os trabalhos do artista está em causa a forma como o mesmo traz outros elementos que não estão na origem da imagem ou realça aspectos que a própria não evidencia, remetendo para as questões da (re)interpretação do mundo e de si próprio.

A **sala do Consistório**, espaço emblemático do edifício do museu com um painel de azulejos do século XVIII, assim como a **sala anexa** àquela e uma outra **junto à Galeria 4**, apresentam um conjunto de obras do artista **Nuno Silva** (*Ponte (distorção #4)*, 2000), (*Disco (distorção #3)*, 2000) e (*Olho*, 2000). Estes trabalhos salientam as alterações perceptivas que a luz provoca ao interagir com o espaço e com o observador, permitindo ao artista investigar as propriedades físicas da luz e dos reflexos. De acordo com Nuno Silva, “o objetivo é trazer à visão algo que está no campo do olhar, mas que a maior parte das pessoas não vê.” As ligações elétricas com que trabalha são simples, tornando visível o fenómeno, ou seja, o que se percebe.

## Génesis – a partir das obras da Coleção António Cachola

### PISO 2

O conjunto de obras apresentadas nas galerias de exposição do Piso 2 reflete três pontos fundamentais: o modo como o homem se observa a si próprio (destaque para a figuração humana, representada nas fotografias de Jorge Molder e nas obras de Bruno Pacheco); o modo como a luz interage com o espaço e o observador, e como essa mesma luz pode ser metáfora da ideia da busca do esclarecimento acerca da condição humana e de um estágio superior de conhecimento e de sabedoria (destaque para as obras de Nuno Silva); e a diversidade de (re)interpretação do mundo e de nós próprios, quer de uma forma abstrata ou figurativa, quer através de intenções e manifestações provocatórias socialmente, remetendo-nos para os aspectos da criação artística, ou seja, das manifestações humanas (núcleo de pintura patente na Galeria 4 e obras de João Paulo Serafim e José Maçãs de Carvalho, na galeria 5).

Passando à **Galeria 3**, apresenta-se, pela primeira vez, a série de 40 fotografias (*Anatomia e Boxe*, 1996/97) de **Jorge Molder**. A obra deste artista surge no final dos anos 70 e consolida-se nos anos 80, no contexto da afirmação da fotografia como discurso autónomo. O conjunto das fotografias em exposição aborda a auto-representação, apesar de não se tratar de um autorretrato, mas antes a representação da figura humana em auto-representação a preto e branco, com uma preocupação introspectiva. Cada fotografia pode funcionar isoladamente ou no conjunto. A utilização da luz e os efeitos de sombra e escuridão visíveis nas fotografias transmitem um efeito perturbador em relação a quem examina quem, isto é, se é o observador que olha o objeto, ou se este é quem olha o observador. Nesta série, o corpo apresenta-se perante dois locais de transformação/destruição, como sejam o ringue de boxe e o teatro anatómico.

A **Galeria 4** remete-nos para os aspectos da criação artística, ou seja das manifestações humanas, visíveis através da pintura e do vídeo, nomeadamente com as obras de **Pedro Calapez** (*Ram 5*, 2002), (*Ram 6*, 2002) e (*Contentor de Paisagem*, 2004). As suas pinturas apresentam-se como uma “arquitetura riscada à superfície”, uma arquitetura que nos remete para a cenografia, bem patente nas obras aqui em exposição. Estas evidenciam a apetência pelas texturas e pela criação de paisagens através de uma pintura abstrata, marcada pela importância dos valores cromáticos.

**Pedro Portugal**, um dos fundadores do movimento homeostético na década de 80, tem marcado o seu trabalho com intenções de crítica social, política, artística e cultural. A sua pintura, de que é exemplo a obra que se apresenta na exposição (*pp.5 uP96*, 1998), denuncia um código de estilização figurativa, ou seja, um sistema de sinais próximo da banda desenhada e do cinema de animação.

Três pinturas de **Pedro Quintas** (*Sem título*, 2000 e 2001) remetem-nos para a linguagem gráfica com representações seriais, padrões geométricos, repetições e jogos de formas e cores quase hipnóticas. Com efeito, o artista utiliza cores lisas e homogéneas, sugerindo contrastes e tridimensionalidade. O uso simétrico e assimétrico dos elementos e das cores, a repetição de padrões geométricos e a ausência de signos e significações conferem uma dinâmica às composições. Em contraste com as pinturas abstratas de Pedro Quintas, os dois trabalhos de **Nuno Viegas** (*A colisão improvável* e *A nuvem que nos separa*, 2008) distinguem-se quer pela

## Génesis – a partir das obras da Coleção António Cachola

sua dimensão, quer pelo uso da figuração em representações de narrativas fortes, densas e pictoricamente marcantes. **Bruno Pacheco** auto-representa-se no vídeo (*Self-portrait with 20 different colour t-shirts, 2003*), evidenciando os aspectos do artista enquanto criador, conferindo dinamismo à galeria através da sequência de cores que vai exibindo com a ação de vestir e despir um conjunto de *t-shirts*. Simbolicamente, agrega a presença da cor no espaço.

O percurso expositivo termina na **Galeria 5**, onde se apresenta uma fotografia de **João Paulo Serafim** (*Sem título, 1998*) e a obra de **José Maçãs de Carvalho** (*Sem título (Lolita #1, #2, #3, #4, #5), 1998*), com ambos os trabalhos a remeterem-nos para ícones da cultura urbana, através de cenários de narrativas e ficções, num teatro de aparências, verdades e mentiras. João Paulo Serafim coloca em destaque a noção de escala e a vivência da memória que as imagens acarretam. O artista pretende “conduzir o olhar das pessoas para a esfera do público/privado e eventualmente sugerir uma possível narrativa”. A obra de José Maçãs de Carvalho pode funcionar como uma declaração de intenções e intenção provocatória. O seu grau de provocação coloca-nos perante a inevitabilidade do pornográfico como componente da sociedade do espetáculo.

Isabel Pinto & Patrícia Machado

Génesis – a partir das obras da Coleção António Cachola

28 de janeiro a 2 de setembro de 2012